

# SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DA CITRICULTURA

Antonio Ambrosio Amaro<sup>1</sup>

Dois fatos noticiados no segundo semestre de 1996 dão bem uma idéia da importância que a citricultura da Flórida representa no contexto mundial e suas implicações econômicas na produção paulista de laranja. O primeiro refere-se à compra de fábricas de sucos cítricos na Flórida por parte de duas empresas brasileiras - Sucocítrico Cutrale e Coinbra Frutropic - e o segundo a aprovação pela Comissão de Citros da Flórida de um orçamento anual de 80 milhões de dólares para suportar as despesas com o programa de pesquisas e *marketing* do Departamento de Citros da Flórida (FDOC).

Enquanto a compra de fábricas revela as expectativas dos brasileiros na estabilidade da indústria cítrica e perspectivas de suprimento de matéria prima na Flórida, por outro sugere que o mercado internacional de suco se tornará ainda mais eficiente, competitivo e com maior correlação nos preços da fruta em São Paulo e Flórida. De outra parte, um orçamento para propaganda e *marketing* quase 40% maior que o precedente demonstra bem que, ao contrário do que ocorre no Brasil, a agroindústria cítrica flordiana se preocupa em muito com garantia da comercialização para dar suporte aos investimentos que vem sendo feitos na capacidade produtiva, cuja tendência é de continuar aumentando nos próximos anos.

Dentre os principais pontos do programa de propaganda institucional a ser desenvolvido nos Estados Unidos destaca-se a campanha para aumentar o consumo de suco de laranja e *grapefruit*, com divulgação maciça dos resultados de pesquisas médicas que demonstram os grandes benefícios para a saúde humana. Sem dúvida, o grande apelo é a menor probabilidade de incidência de alguns tipos de câncer quando se consome frutas e sucos cítricos.

Quanto à produção de laranja na Flórida, as primeiras estimativas divulgadas em outubro de 1996 eram de uma colheita recorde de 220 milhões de caixas (203,2 na safra anterior) semelhante aquela registrada em 1979/80, demonstrando que os pomares plantados e/ou

renovados no final da década de oitenta e primeiros anos da de noventa estarão, a partir de agora, alcançando a fase produtiva, após uma série de geadas que de 1977 a 1989 atingiram os laranjais e provocaram não só perdas na produção mas, também, deslocamento para as regiões sul e sudoeste do estado, menos sujeitos aos efeitos do frio intenso.

Como resultado do aumento da produção, o volume de fruta a ser processada na Flórida na safra 1996/97 poderia atingir 208,7 milhões de caixas (mais 8% em relação a safra anterior e 19% mais que em 1992/93), proporcionando produção da ordem de 940,7 mil toneladas de suco a 65° brix contra 804,3 mil toneladas em 1992/93 (+17%), o que em grande parte explica a redução nas exportações de suco concentrado congelado do Brasil para o mercado norte-americano nesse período.

Em vista desse quadro estatístico e da estimativa de processamento de cerca de 257 milhões de caixas de laranja no Brasil, o que proporcionaria uma oferta conjunta recorde de quase 2 milhões de toneladas de suco concentrado, os analistas do FDOC passaram a antever queda nas cotações do suco e que se refletiriam no preço a ser recebido pelo produtor local de laranja para processamento na safra 1996/97 (US\$3,70/cx. contra US\$4,55 em 1995/96).

As previsões a nível internacional eram de que os preços do suco seriam pressionados para baixo, e poderiam atingir o menor nível dos últimos anos quando o estoque brasileiro durante a safra atingisse seu ponto mais elevado, muito provavelmente coincidindo com a época de processamento da laranja Valência na Flórida (fevereiro-abril), a menos que viesse a ocorrer um desastre climático de sérias proporções. Ademais, ao final da safra, os estoques de passagem para a temporada vindoura poderão estar, em relação aos estoques iniciais (1995/96), com igual volume na Flórida e 26% menor no Brasil, onde a indústria tem se mostrado preocupada com a queda das cotações e procurado não processar quantidades crescentes de laranja, diante das dificuldades de colocação do suco.

Com o advento do Plano Real e seu sucesso, até o momento, na redução das taxas

<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo, Dr., Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

de inflação e de juros, a economia brasileira vem permitindo que o consumo interno de alimentos se expanda, entre os quais encontra-se a laranja, a fruta de maior aceitação entre os consumidores de todo o País, independente de classe de renda familiar e tamanho das cidades. Sem dúvida, a continuidade da situação geral da economia sugere que o mercado interno brasileiro será capaz de absorver quantidades significativas de fruta e de suco pronto para beber, desde que sejam oferecidos produtos de qualidade a preços competitivos com outras bebidas.

Entretanto, a forte redução nos preços recebidos pelos produtores de laranja nos primeiros anos da década de noventa, em relação aos elevados valores observados de 1985 a 1989, parece ter sido suficiente para desacelerar o ritmo de plantio em São Paulo, a julgar-se pela proporção de plantas em fase de formação, o que deverá se refletir nas quantidades a serem ofertadas nos próximos dez anos.

Conquanto a produção de laranja fora do Estado de São Paulo se revele crescente, sua participação no total brasileiro nos últimos dez anos tem sido praticamente constante ao redor de 18%. Com base nos dados do IBGE, de 1985 a 1996 (estimativa preliminar) a área colhida com laranja no conjunto dos demais Estados do Brasil (excetuando-se São Paulo) também aumentou (39%) nesse período, enquanto o aumento da produção foi de 48% revelando melhor produtividade por área. Dentre os demais Estados destacam-se, na produção, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Quando se considera a produção brasileira no período 1990 a 1996, a participação do mercado interno no destino da laranja para o consumo *in natura* tem sido de 30%. No Estado de São Paulo a industrialização tem absorvido em média 80% nesse mesmo período, com um pico de 88% em 1992 (Tabela 1).

Como uma das principais explorações agrícolas no Estado de São Paulo, a produção passou de 218,0 milhões de caixas de 40,8kg (90 libras) em 1985 para aproximadamente 350 milhões em 1996 (dado preliminar). A redução observada em 1994 foi decorrente de geadas e de prolongada e forte estiagem de maio a outubro de 1994. Além da laranja, são cultivadas tangerinas (7,3 milhões de plantas), limas ácidas e limão (7,7 milhões de plantas) e *grapefruit* (cerca de 85 mil plantas).

Com base em cadastro feito pelo Fundo Paulista de Defesa da Citricultura (FUNDECI-

TRUS) em 1995, o número de propriedades comerciais (mais de 200 plantas) com plantações cítricas em São Paulo e em 11 municípios de Minas Gerais limítrofes com São Paulo<sup>2</sup> era de 27.867, das quais 92% consideradas pequenas tinham de 201 a 20.000 plantas; 7% cultivavam de 20.000 a 100.000 árvores (propriedades médias) e as 1% restantes eram consideradas grandes (pomares com mais de 100.000 plantas ou 400 hectares). A média geral era de 8.405 plantas por propriedade para um total de 234,2 milhões.

Enquanto as pequenas tinham 46% do total de árvores (média de 4.149 por propriedade), as grandes representavam 23% das plantas (média de 222.645 árvores), ao passo que nas propriedades médias com 31% do total de árvores os pomares tinham 38.885 plantas em média.

Resultados preliminares de estudo no FUNDECITRUS, a partir de amostra estatística estratificada por tamanho dos citricultores, revelam que em 42% das propriedades se desenvolvem comercialmente também outras atividades agrícolas destacando-se: a pecuária (de corte, leite e mista); culturas anuais com predominância de milho; cana-de-açúcar; café e fruticultura com ênfase no cultivo de manga, goiaba, abacate e uva para mesa.

De 1990 a 1996 ocorreram algumas mudanças na estrutura da indústria paulista de sucos cítricos com o ingresso de novas empresas com fábricas modernas, usando a mais avançada tecnologia e aumento na capacidade instalada, passando no conjunto de 817 extratoras em 1990 para 982 em 1996. As empresas localizadas nos outros Estados (85 extratoras em 1992 e 97 extratoras em 1994), além de produzirem suco concentrado de laranja, processam sucos concentrados de frutas tropicais como: abacaxi, manga, maracujá, acerola, goiaba, mamão, caju, uva e graviola, dentre outras.

A produção brasileira de suco concentrado de laranja destina-se quase totalmente ao mercado externo. A venda interna de suco concentrado é ainda bastante pequena, ou seja, em termos percentuais não ultrapassa 2% da quantidade processada de laranja, incluída a parcela vendida para a indústria de refrigerantes.

O surgimento do segmento de suco de

<sup>2</sup>Frutal, Campo Florido, Prata, Comendador Gomes, Conceição das Alagoas, Veríssimo, Fronteira, Itapagipe, Pirajuba, Planura e São Francisco de Salles.

TABELA 1 - Estimativa do Destino da Produção de Laranja, São Paulo, 1990 a 1996  
(em milhões de caixas)

| Destino                      | 1990   |       | 1991   |       | 1992   |       | 1993   |       |
|------------------------------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
|                              | Quant. | %     | Quant. | %     | Quant. | %     | Quant. | %     |
| Produção                     | 268,7  | 100,0 | 285,5  | 100,0 | 300,0  | 100,0 | 307,0  | 100,0 |
| Exportação de fruta fresca   | 1,9    | 1,0   | 2,7    | 1,0   | 2,0    | 1,0   | 1,8    | 0,6   |
| Industrialização             | 210,0  | 80,0  | 225,0  | 81,0  | 265,0  | 88,0  | 240,0  | 78,2  |
| Consumo interno <sup>1</sup> | 56,8   | 19,0  | 57,8   | 18,0  | 33,0   | 11,0  | 65,2   | 21,2  |

  

| Destino                      | 1994   |       | 1995   |       | 1996 <sup>2</sup> |       |
|------------------------------|--------|-------|--------|-------|-------------------|-------|
|                              | Quant. | %     | Quant. | %     | Quant.            | %     |
| Produção                     | 285,0  | 100,0 | 322,3  | 100,0 | 350,0             | 100,0 |
| Exportação de fruta fresca   | 3,0    | 1,0   | 3,4    | 1,0   | 3,0               | 0,9   |
| Industrialização             | 245,0  | 86,0  | 246,0  | 74,0  | 250,0             | 71,4  |
| Consumo interno <sup>1</sup> | 37,0   | 13,0  | 72,9   | 25,0  | 97,0              | 27,7  |

<sup>1</sup>Inclui perdas.

<sup>2</sup>Estimativas, dados preliminares sujeitos à retificação.

Fonte: IEA, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) e Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

laranja natural pasteurizado no Brasil é recente e está sendo montado para atender principalmente ao mercado interno. As primeiras fábricas no Estado de São Paulo iniciaram suas atividades em 1992 e pelo menos 3 delas mantém associações (*joint-ventures*) com fábricas de suco concentrado já instaladas para produzirem o suco pronto para beber.

A maioria dessas empresas já atuavam no mercado brasileiro na área produtos alimentícios, especialmente de laticínios, podendo assim aproveitar sua rede de distribuição para colocação do suco no mercado varejista. A capacidade potencial instalada dessas empresas no Estado de São Paulo, é no total da ordem de aproximadamente 4,0 milhões de caixas por ano.

Quando não estão associadas a outras fábricas de suco, a aquisição de laranja tem sido feita diretamente junto aos produtores ou *packing-houses*, sendo ainda reduzida a parcela de produção própria.

De 1992 a 1996, foram colocadas no Brasil 5.650 extratoras de suco cítrico fresco. Desse total, 44% foram instaladas no Estado de São Paulo e 20% no do Estado do Rio de Janeiro. As demais encontram-se espalhadas no Rio Grande do Sul (416), Paraná (304), Minas Gerais (285), Espírito Santo (146), Bahia (193) e outros (1.333), revelando nitidamente uma forte correlação com a disponibilidade (ou produção) de laranja nesses Estados.

As extratoras de suco fresco tem sido

colocadas em supermercados, padarias, lojas de conveniência, lanchonetes, bares e outros. Pequenas empresas estão sendo, também, organizadas com a instalação de algumas dessas extratoras para, atenderem principalmente ao mercado institucional, com a distribuição diária de suco com marca própria, embalado em garrafas plásticas de 1 litro ou 300ml.

Nesse segmento a aquisição da matéria-prima vem sendo feita na maior parte das vezes junto aos atacadistas no mercado de São Paulo, representando uma elevação do custo da caixa de laranja para essa finalidade. Além disso, tem surgido o problema de suprimento constante e da qualidade da fruta afetando o sabor e a cor do suco.

Considerando-se os primeiros 78 meses da década de noventa (janeiro/1990 a junho/1996) o preço médio mensal de laranja, no varejo na cidade de São Paulo, foi de US\$0,89 por dúzia de laranja. Ao se calcular os preços registrados mensalmente para média de ano safra (julho a junho) verifica-se que os menores valores ocorreram nas safras 1992/93 (US\$0,55/dz.) e 1993/94 (US\$0,56/dz.) quando os preços recebidos pelos citricultores foram os mais baixos desde 1980. Na safra 1994/95, a laranja foi vendida no varejo em média a US\$1,48/dz., o que pode ser atribuído à elevação observada após a geada (julho/94) e a forte seca (maio a novembro/94) que provocou restrição na oferta de fruta de boa qualidade, desde setembro de

1994 até fevereiro de 1995. Na safra 1995/96 a média baixou para US\$1,13/dz.

Para os próximos anos e dado o caráter perene da cultura, procurou-se projetar a tendência de produção, usando-se: produtividades médias das plantas em função da faixa etária; o provável contingente de árvores em cada uma das quatro faixas consideradas e taxa de 4% ao ano de erradicação ou morte de plantas, que estarão em função de preços recebidos pelos citricultores e influência de doenças e pragas.

Quanto ao plantio assumiu-se que nas próximas duas safras (1996/97 e 1997/98) serão plantadas em São Paulo 75% das mudas em fase de preparação nos 1.556 viveiros levantados nas inspeções pelo FUNDECITRUS em fins de 1995 e início de 1996, metade dos quais de caráter não comercial e conduzidos por citricultores com interesse apenas em replantar seus próprios pomares (Tabela 2). A partir do ano agrícola 1998/99, por cinco anos, os plantios seriam somente para repor as plantas erradicadas, de modo a manter estável o parque produtivo.

TABELA 2 - Situação dos Viveiros por Região, Estado de São Paulo, 1995/96

| Região   | Núme-<br>ros de<br>viveiros | Mudas<br>(milhões) | Cavalinhos<br>(milhões) | Semen-<br>teira<br>m <sup>2</sup> x 1.000 |
|----------|-----------------------------|--------------------|-------------------------|---|
| Norte    | 526                         | 2,26               | 2,59                    | 54,50                                     |
| Noroeste | 499                         | 10,30              | 3,47                    | 271,80                                    |
| Sul      | 395                         | 4,69               | 8,21                    | 208,20                                    |
| Centro   | 136                         | 0,62               | 1,82                    | 51,10                                     |
| Total    | 1.556                       | 17,87              | 15,51                   | 585,60                                    |

Fonte: FUNDECITRUS.

A tendência da distribuição etária aponta aumento do número de plantas que estarão na faixa com mais de 10 anos, quando se considera o período 1994 a 2002. Para a faixa entre 4 e 7 anos a tendência será declinante, enquanto que naquela entre 8 e 10 anos deverá haver um aumento até 1998 e, posteriormente, uma diminuição como reflexo da intensidade variável de plantio nos últimos 10 anos.

Os resultados obtidos devem, portanto, serem vistos como tendências e não estimativas de produção, porque as produtividades por planta podem variar significativamente de ano para ano, em função principalmente dos tratamentos culturais, de forma que poderão ocorrer diferenças nos totais projetados, todos revelando tendên-

cias de aumento da produção que poderá atingir até 370 milhões de caixas em 1997, 387 em 1999 e 411 milhões em 2001.

Apesar do número de plantas não produtivas estar agora por volta de 32 milhões, a taxa anual de aumento da produção nos próximos cinco anos não deverá ser semelhante à verificada na década de oitenta. Porém, dificilmente os preços recebidos pelos citricultores voltarão a ser iguais aos dos últimos anos da década de oitenta, a menos que ocorra um desastre climático de fortes proporções, pois atualmente a situação internacional do suco é diferente, com crescimento mais lento nas vendas, levando a indústria a evitar aumento nas quantidades a serem ofertadas.

Outrossim, pode-se considerar o mercado interno brasileiro como o grande mercado a ser conquistado nos próximos anos, conferindo mais segurança à citricultura. Entretanto, para ampliar o consumo de fruta fresca e desenvolver o mercado de suco pronto para beber, haverá necessidade de ampla campanha quanto à qualidade do produto, a qual deverá estar apoiada em legislação atualizada (Código Nacional de Bebidas).

As grandes mudanças no cenário mais recente ocorreram nas relações comerciais entre produtores e indústria, uma vez que a partir de 1995 a colheita e transporte da fruta, dos pomares até as fábricas, passaram a ficar por conta dos citricultores, uma prática com a qual não estavam absolutamente acostumados. Assim, o frete passou a representar um diferencial de custo que antes não existia para o produtor.

Observa-se que o item mais preocupante da cadeia citrícola seja o de qualidade das mudas, a menos que medidas mais sérias sejam postas em prática pelo Governo e pelos próprios viveiristas, o que parece já vem ocorrendo.

Finalmente, conquanto seja de difícil avaliação quantitativa, pode-se afirmar que a pesquisa agrônômica e a defesa fitossanitária representaram até agora uma retaguarda sólida e uma garantia ao setor, cujos resultados propiciaram o crescimento da citricultura brasileira e avanços tecnológicos para a produtividade agrícola.